

BOLETIM PET C&R

PET CONSERVAÇÃO E RESTAURO / VOL.10, ANO:
2019

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A INTEGRAÇÃO DO PET NA
IV SEMANA ACADÊMICA DA
CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

RELATO DE EXPERIÊNCIA

IV SEMANA
ACADÊMICA DA
CONSERVAÇÃO E
RESTAURAÇÃO

MATÉRIA

A CONSERVAÇÃO
DE UM ACERVO
FOTOGRAFICO

RELATO DE EXPERIÊNCIA

PARTICIPAÇÃO NO
XXII SULPET

RELATO DE EXPERIÊNCIA

PROJETO LABORATÓRIO ABERTO DE
CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS:
A SALVAGUARDA DA MATÉRIA
E MEMÓRIA AFETIVA SUL-RIO-GRANDENSE



EDIÇÃO

Ana Carolina Fernandes

REVISÃO

Daniele Baltz da Fonseca
Clarissa Martins Neutzling
Tatiani Alves Rodrigues de Abreu

ARTE

Frederico Sampaio Alves

PET  Conservação e Restauro

R. Almirante Barroso 1202, sala 312
Campus II – ICH • Pelotas/RS CEP 96.010-280

DIGITAL

<https://wp.ufpel.edu.br/crbensmoveis>
<https://conservacaoerestauero.wixsite.com/pet-cr>
<https://facebook.com/petconservacaoerestauoufpel>

CONTATO

petconservacaoerestauero@gmail.com

PETIANOS

Ana Carolina Fernandes da Silva
André Alexandre Gasperi
Bruna Cristina Gentil dos Santos
Carolina Letícia Nagata
Caroline Megier Meller
Clara Ribeiro do Vale
Hugo Luiz Barreto da Silva
Maria Hiasmin Barbosa Araújo
Milene Sequeira
Natália Correia Soares
Petrya Brião Bischoff

TUTORA

Prof^a. Dr^a. Daniele Baltz da Fonseca

EXPEDIENTE

O BOLETIM PET CeR é uma publicação semestral do Grupo de Educação Tutorial do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas. Objetiva ser um veículo de ações do grupo, voltadas para o fomento das experiências acadêmicas no campo do Patrimônio Cultural e para a divulgação da profissão do Conservador-Restaurador. São autores dos números, integrantes do grupo e convidados. Textos de outros autores poderão ser publicados se estiverem de acordo com o escopo da publicação. Propostas de colaboradores podem ser enviadas para o e-mail do grupo (petconservacaoerestauero@gmail.com).



VOL. 10

JANEIRO DE 2020

EDITORIAL

A segunda metade deste ano foi de grandes mudanças para todos.

O grupo PET traz a vocês seu décimo Boletim! O ano de 2019, foi de grandes começos despedidas e de muito estudo. Gostaríamos de agradecer a todos os alunos que participaram de nossos eventos e a participação de todos os petianos em produzir esses momentos, mas, em especial Carolina Meller e Milene Sequeira, que se formaram durante o semestre de elaboração deste boletim e deixaram muitas saudades ao grupo. Encerrando minhas considerações, gostaria de agradecer a egressa do PET-CR e Representante discente Bárbara Moraes, pela ajuda e dicas (novamente) e em nome de todo o grupo PET, esperamos que o presente volume te inspire, te motive, desperte novas ideias e reflexões!

Muito obrigada e desejamos uma ótima leitura!

Ana Carolina Fernandes

S U M Á R I O

03 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O PROJETO LABORATÓRIO ABERTO DE CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS: A SALVAGUARDA DA MATÉRIA E MEMÓRIA AFETIVA SUL-RIO-GRANDENSE

07 MATÉRIA

A CONSERVAÇÃO DE UM ACERVO FOTOGRÁFICO

12 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL NA UFPEL E SUA INTEGRAÇÃO NA IV SEMANA ACADÊMICA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

16 RELATO DE EXPERIÊNCIA

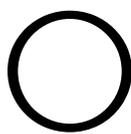
IV SEMANA ACADÊMICA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

30 RELATO DE EXPERIÊNCIA

ETAPAS FINAIS DO PROCESSO DE RESTAURAÇÃO NA ESCULTURA ÍNDIO PERI DO TEATRO GUARANY

PROJETO LABORATÓRIO ABERTO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS: A SALVAGUARDA DA MATÉRIA E MEMÓRIA AFETIVA SUL-RIO-GRANDENSE

NATÁLIA CORREIA SOARES

 Projeto Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais nasceu de uma parceria entre o Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis e a Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul visando a restauração das obras 'Alegoria, Sentido e Espírito da Revolução Farroupilha' e 'Fuga da Anita Garibaldi a cavalo' e suas molduras, obras pertencentes ao acervo do Museu Histórico Farroupilha de Piratini.

O projeto iniciou-se em 28 de abril de 2019 com a escolha das obras, a logística de transporte de Porto Alegre - onde as obras estavam desde 2011 - até Pelotas, e a montagem do laboratório que foi instalado no Museu do Doce. A previsão de conclusão e entrega das obras é a próxima semana Farroupilha, em Setembro de 2020. As professoras Andrea Lacerda Bachettini e Francisca Ferreira Michelin coordenam o projeto juntamente de outros

docentes, técnicos administrativos e discentes dos cursos de Conservação e Restauração e Museologia.

A primeira obra 'Alegoria, Sentido e Espírito da Revolução Farroupilha' – antes intitulada "O Rio Grande do Sul para o Brasil" – foi pintada por Hélios Seelinger¹ em 1925 para decorar as salas do Palácio Piratini². Em 1959 é doada ao Museu Histórico Farroupilha já chegando com seu atual nome – não se sabe o motivo da alteração do título – onde permaneceu escorada na parede devido sua grande dimensão (3,80m x 5,70m).

Em 2005 a pintura foi enviada a Nova Petrópolis para que passasse por um processo de higienização, ao retornar à cidade de Piratini foi alocada na Prefeitura Municipal da cidade onde a sala comportava a obra sem que a mesma necessitasse ser escorada na parede.

1 Helios Aristides Seelinger (Rio de Janeiro, 1878 – Rio de Janeiro, 1965) foi um pintor, desenhista e caricaturista brasileiro. Pelo lado paterno, era descendente de alemães que teriam se estabelecido no Brasil na década de 1860.

2 O Palácio Piratini é a atual sede do Poder Executivo do estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Está localizado na Praça Marechal Deodoro, mais conhecida como Praça da Matriz, no centro histórico de Porto Alegre.



Figura 1 : Alegoria, Sentido e Espírito da Revolução Farrroupilha, Hélios Seelinger

Fonte: Diário da Manhã

A segunda obra 'Fuga de Anita Garibaldi a cavalo' de Dakir Parreiras foi encomendada por Borges de Medeiros em 1917 para compor o grande salão do pavimento térreo do Palácio Piratini. A pintura tem 2,64m x 2,20m e retrata Anita Garibaldi fugindo a cavalo com seu filho recém-nascido, de um ataque noturno da oposição à República Farrroupilha.

3 Dakir Parreiras (Niterói, 1893 – Rio de Janeiro, 1967), pintor brasileiro, filho do mestre Antônio Parreiras, que foi seu primeiro professor. Aperfeiçoou-se em Paris com Jean-Paul Laurents, Biloul, Rover e Baschet. Expõe em salões do Rio de Janeiro e de São Paulo, tendo sua primeira individual em 1914, no Rio de Janeiro. Sua pintura reflete a influência da arte impressionista e foi destacado como pintor histórico, inspirando-se em fatos, acontecimentos e vultos do nosso passado.

4 Antônio Augusto Borges de Medeiros (Caçapava do Sul, 19 de novembro de 1863 – Porto Alegre, 25 de abril de 1961) foi um advogado, positivista e político brasileiro, tendo sido presidente do estado do Rio Grande do Sul por 25 anos, durante a República Velha.



Figura 2: Fuga de Anita Garibaldi a cavalo, Dakir Parreiras

Fonte: Laboratório de Conservação e Restauração de Pintura, 2020.

Ambas as obras saem de Piratini em 2011 juntamente de outras, rumo ao Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) para passar por um processo de restauração. Cinco destas obras foram restauradas e devolvidas ao Museu Histórico Farroupilha, porém os quadros de Hélios Seelinger e Dakir Parreiras chegam à UFPel em 2019 dando início ao projeto.

A restauração destas obras tem grande impacto na vida acadêmica dos discentes que estão envolvidos no processo, sendo uma oportunidade única de ter contato direto com obras dessas dimensões e com demasiada importância histórica. O fato de o laboratório ser aberto ao público constrói uma importantíssima ligação com a população e um reconhecimento do trabalho dos profissionais da área.

A salvaguarda das obras transpassa a materialidade, agindo também na manutenção da memória afetiva e cultural que remete a um período histórico de grande importância para a Região Sul, sobretudo a população de Piratini que finalmente terá de volta os dois grandes símbolos dos áureos tempos da República Farroupilha.

Referências Bibliográficas

SANT'ANA, Elma. A cavalo, Anita Garibaldi. Editora AGE Ltda, 1993.

VAZ ROBE, Consuelo. Conservação de Pinturas em vol.10 BOLETIM PET CeR 5

Ambientes Inadequados: Estudo da Pintura “Alegoria do Sentido e Espírito da Revolução Farroupilha” de Hélios Seelinger. Tese (Bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis) Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul. 2011.

DE OLIVEIRA, Luciana da Costa. O Rio Grande do Sul de Aldo Locatelli: Arte, Historiografia e Memória Regional nos Murais do Palácio Piratini. Tese (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. 2011.

UFPEL E SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO ASSINAM COOPERAÇÃO PARA RESTAURO DE PINTURAS DO MUSEU DE PIRATINI. COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, Pelotas, 11 de junho de 2019. Disponível em: <<https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2019/06/11/ufpel-e-secretaria-de-cultura-do-estado-assinam-cooperacao-para-restau-ro-de-pinturas-do-museu-de-piratini/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

OBRA HISTÓRICA DE ANTÔNIO PARREIRAS GANHA EXIBIÇÃO DO MARGS. MARGS, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.margs.rs.gov.br/noticia/obra-historica-de-antonio-parreiras-ganha-exibicao-no-margs/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

A CONSERVAÇÃO DE UM ACERVO FOTOGRÁFICO

MARIA HIASMIM BARBOSA ARAÚJO

Ao longo da história diversos métodos foram desenvolvidos para produzir retratos, resultando na ideia de fotografia que temos hoje, o registro mais antigo de um desses métodos é a descrição de câmera escura feita por Giovanni Baptista Della Porta (Vico Equense, Itália, 1 de novembro de 1535 – Nápoles, Itália, 4 de fevereiro de 1615) em 1558 usada por muitos artistas para esboçar pinturas. Em 1604 o cientista italiano Angelo Sala (Vicenza, Itália, 1576 – Bützow, Alemanha, 2 de outubro de 1637) observou que a prata escurecia quando exposta à luz solar e mais tarde, em 1724, Johann Heinrich Schulze (Colbitz, Alemanha, 12 de maio de 1687 – Halle, Alemanha, 10 de outubro

de 1744) realizou experimentos para testar a teoria de Angelo, após realizar estudos com ácido nítrico, gesso e prata concluiu que a prata halógena, quando convertida em prata metálica, originava a tonalidade escura citada por Angelo, não tendo assim nenhuma relação com a luz. Após anos de pesquisa, em 1826, o francês Joseph Nicéphore Niépce (Châlon-sur-Saône, França, 7 de março de 1765 – Saint-Loup-de-Varennes, França, 5 de julho de 1833) utilizando uma placa de estanho coberta por um derivado do petróleo fotossensível chamado Betume da Judeia e uma câmara escura, produziu algumas das primeiras fotografias conhecidas na história, Joseph nomeou o processo de “Heliografia”.



Fig. 1 – Primeira imagem gravada em folha de papel sensibilizado quimicamente por Niépce em 1816. Fonte: www.dw.com/pt-br/1816-primeira-fotografia/a515945

Após a realização de Joseph, muitos outros métodos foram aplicados a produção de fotografias, como o processo criado por Louis Jacques Mandé Daguerre (Corneilles-en-Parisis, França, 18 de novembro de 1787 – Bry-sur-Marne, França, 10 de julho de 1851) em 1837 chamado “daguerreotipia”, o processo “calótipo” desenvolvido em 1839 pelo britânico William Fox Talbot (Dorset, Reino Unido, 11 de fevereiro de 1800 – Lacock, Reino Unido, 17 de setembro de 1877) e o processo “Photographie” desenvolvido pelo inventor franco-brasileiro Antoine

Hercule Romuald Florence (Nice, França 29 de fevereiro de 1804 – Campinas, Brasil, 27 de março de 1879), resgatado em 1976 por Boris Kossoy (São Paulo, 1941). Após 1888 a fotografia se popularizou passando a ser produto de consumo dando origem a empresas como a Eastman Kodak Company por George Eastman (Waterville, EUA, 12 de julho de 1854 – Rochester, EUA, 14 de março de 1932) que trabalha a 127 anos com a produção de câmeras capazes de facilitar a produção de fotografias.



Fig. 2 – Kodak nº 1 de 1888, primeira câmera a utilizar filme de rolo, destinada ao fotógrafo amador. Fonte: <https://fotografiamais.com.br/maquina-fotografica-antiga>

Após se popularizar, além de captura de momentos pessoais, a fotografia passou também a ser usada na documentação da história, tornando-se um patrimônio cultural que deve ser, portanto, mantido para as próximas gerações. Para conservação de um acerto fotográfico, é preciso manter um controle das condições ambientais, isto engloba umidade

relativa, temperatura, exposição a luz e poluição. Se a obra é pouco manuseada, as condições do ambiente é que vão determinar seu tempo de vida, assim, as condições favoráveis variam de acordo com as obras que pertencem ao acervo. Outro fator importante é manter a organização do acervo para evitar a manipulação desnecessária

e conseqüentemente danos físicos as obras. As embalagens ou acondicionamentos também são essenciais para manter um acervo, são compostas por duas camadas de material neutro, a primeira camada protege a obra da manipulação, do pó e flutuações rápidas ambientais, a segunda camada são as caixas, elas evitam excesso de peso e permitem manter um grupo de peças semelhantes. É necessário também

realizar o manuseio com o uso de luvas de forma cuidadosa para evitar danos às obras e manter uma cópia ou duplicação das peças para que as originais não precisem ser manuseadas o tempo todo. As cópias também servem para salvar peças instáveis e para recuperar peças deterioradas, manchadas ou rasgadas.

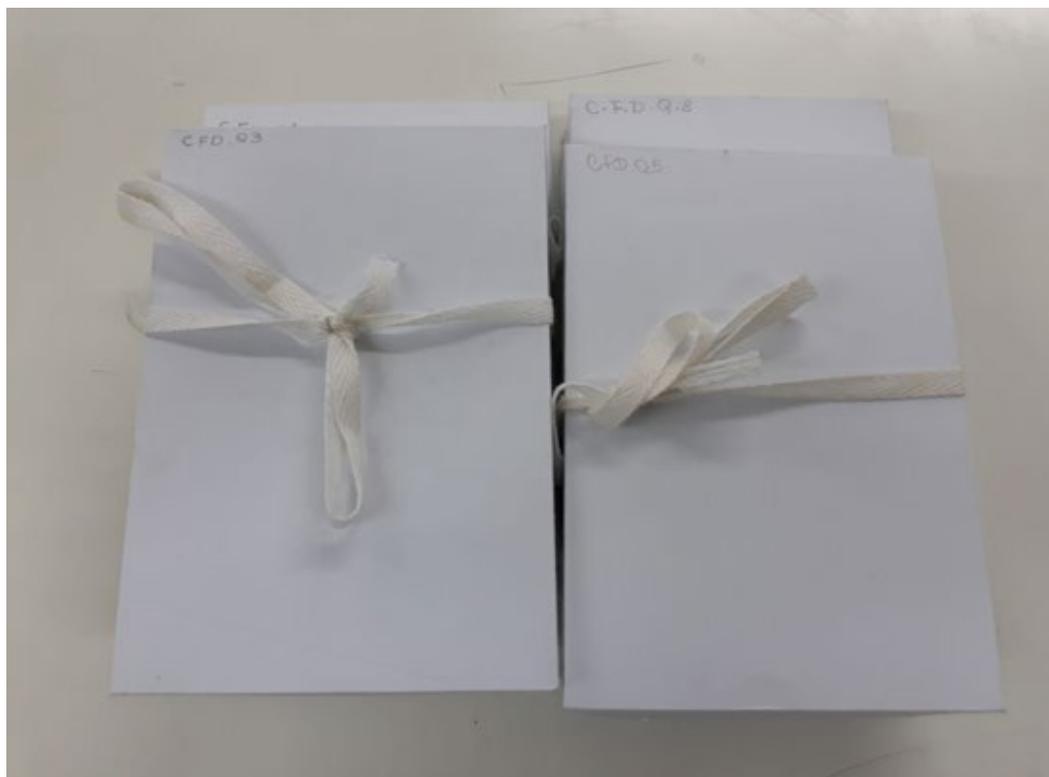


Fig. 3 – Modelos da segunda camada de proteção, as caixas confeccionadas de papel neutro. Fonte: Acervo pessoal de Maria Hiasmim

Se necessário, é possível realizar reparos em peças danificadas, porém, geralmente os danos em fotografias são irreversíveis. As superfícies e os demais materiais utilizados para a produção da camada pictórica estão constantemente sofrendo danos químicos que não podem ser revertidos como, por exemplo, as imagens feitas de prata, que com o passar do tempo amarelecem e desvanecem, podendo chegar a perda total. Em caso de danos físicos causados por maus tratos à obra como, por exemplo, rasgos, sujidades, vincos e afins, alguns procedimentos podem ser realizados para estabilizar a obra e possibilitar novamente a leitura da imagem. Entretanto, tratando-se de um acervo fotográfico, cada objeto, fotografia, negativo,

álbum, receberá um tratamento específico, com base no material utilizado para sua produção, sempre visando evitar mais danos a obra. Nem sempre é necessário o uso de um método de última geração, alguns procedimentos simples podem contribuir para a conservação de um conjunto de obras, porém, é importante que o procedimento seja realizado por um profissional capacitado que tenha conhecimento das técnicas fotográficas, do comportamento dos materiais que compõe as obras, das normas de manuseamento das peças e da organização do acervo.

Inicialmente é necessário realizar um diagnóstico nas obras, sendo ele realizado através

do levantamento do estado de conservação dos componentes do acervo, enumerando-se as características de deterioração encontradas. Ressaltando a necessidade de um tratamento específico para cada tipo de material, é realizada uma divisão do acervo por processo fotográfico com o intuito de facilitar a identificação dos problemas e definir o tratamento necessário para cada peça, tal como o acondicionamento e guarda de cada objeto. As prioridades de tratamento são definidas em função da importância do documento e da emergência do trabalho de estabilização da obra com base nos fatores intrínsecos e extrínsecos de deterioração sofridos pela peça.

Os fatores extrínsecos são manuseio incorreto da obra que pode causar rasgos, fraturas, perda de suporte, perda de emulsão, marca de digitais e sujidades,

armazenamento incorreto e ambiente desfavorável a conservação do acervo que causam esmaecimento, amarelecimento, e manchas na imagem e no suporte, alteração no formato, rasgos, fraturas, ataque de fungos, manchas e deterioração da camada de gelatina. Já os fatores intrínsecos são as características materiais da obra, como, por exemplo, fotografias feitas a base de nitrato de celulose que, em uma determinada condição, degrada-se mais rápido que outros materiais. Após reunir todas as informações possíveis sobre o acervo, é importante produzir fichas contendo todas as informações iniciais de cada obra e os tratamentos realizados para que futuramente, se necessário realizar um novo procedimento, os responsáveis tenham ciência dos processos aplicados a cada obra.



Fig. 4 – Fotografia com suporte de papel japonês. Fonte: Acervo pessoal de Maria Hiasmim

Com os diagnósticos realizados e as fichas iniciais preparadas, o tratamento pode ser iniciado. Um procedimento simples consiste em três etapas, higienização, estabilização e acondicionamento. A higienização é dividida em dois tipos: higienização química que consiste na limpeza de sujidades com o uso de solventes como água deionizada, geralmente usada em casos mais severos e higienização a seco que é realizada com pó de borracha, por exemplo, proporcionando uma limpeza mais leve. A estabilização consiste em um reforço do suporte da obra, um dos métodos utilizados é a aplicação de papel japonês no verso da fotografia. O acondicionamento, dividido em duas camadas feitas de material neutro utilizado para proteger a obra. Ao final dos procedimentos, é importante realizar a documentação final e anexá-la à documentação inicial da obra com registros da peça finalizada e os procedimentos realizados para estabilização da obra.

É importante saber que há procedimentos mais complexos utilizados para manter um acervo e que a higienização, reforço de suporte e acondicionamento citados a cima são procedimentos simples realizados em quase todos os casos. Em relação à restauração, fotografias dificilmente são restauradas fisicamente, tendo em vista a complexidade de replicar os traços de forma perfeita e perceptível, o único processo utilizado para restaurar fotografias é o digital, onde a imagem é reconstituída com a ajuda de um programa apenas com a finalidade de releitura da obra. Portanto, sabendo da irreversibilidade de danos severos às obras é importante conservá-las antes que se torne impossível recuperá-la.

O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL NA UFPEL E SUA INTEGRAÇÃO NA IV SEMANA ACADÊMICA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

HUGO LUIZ BARRETO DA SILVA

Foi no ano de 1979 que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) criou o Programa Especial de Treinamento (PET) – o nome Programa de Educação Tutorial viria somente no ano de 2004 quando sua gestão passou para a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC) – com o objetivo de apoiar grupos tutoriais de aprendizagem na realização de ações de ensino, pesquisa e extensão que complementassem a formação acadêmica de seus participantes. Atualmente existem 842 grupos PET implantados em 123 instituições de ensino superior no país, totalizando a concessão de mais de dez mil bolsas para estudantes.

Na Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) o PET foi implantado no início dos anos de 1990 e hoje conta com 15 grupos PET, sendo eles: Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular, Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Artes Visuais, Computação, Educação Física, Engenharia Agrícola, Engenharia Hídrica, Diversidade e Tolerância, Física, Meteorologia, Odontologia, Pedagogia, Fronteiras e é claro, Conservação e Restauo, que foi implantado no curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis no ano de 2010 pela professora

Francisca Ferreira Michelin – que permaneceu como tutora do PET-CR até o ano de 2016, quando a professora Daniele Baltz da Fonseca assumiu – desde então o grupo trabalha em conjunto com a docência do curso desenvolvendo práticas e experiências pedagógicas.

Como parte da programação anual do curso o PET-CR planejou para o ano de 2019 a IV Semana Acadêmica da Conservação e Restauração (IV SACR) com o tema “A pluridisciplinaridade na conservação e restauração”, evento que se realizou entre os dias 9 e 13 de setembro e contou com palestras, oficinas e relatos de experiência propondo tratar da pluralidade dos conhecimentos, equipamentos, métodos, suportes e técnicas presentes no processo da conservação e restauração. Desde o começo do planejamento foram pensadas oficinas que pudessem fazer parte do cronograma do evento; e tendo em mente que o planejamento anual do PET-CR propõe atividades em parceria com os demais grupos PET da universidade, foi proposto a alguns grupos que fizessem parte da IV SACR através de oficinas com temas relevantes a cada grupo e ministradas por seus petianos. O contato com esses demais grupos PET foi muito produtivo e quatro grupos aceitaram o convite

de somar à IV SACR, foram eles o PET Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular (GAPE), PET Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), PET Educação e PET Artes Visuais.

O primeiro grupo foi o PET GAPE, na tarde da quinta-feira (12), que trouxe a oficina 'Desmistificando o Cinema Brasileiro: como é, como funciona e por que é tão difícil ouvir falar dele', ministrada pelo petiano do curso de cinema Mateus Armas. A oficina apresentou um panorama sobre o cinema brasileiro desde seu

início, onde a cidade de Pelotas tem seu espaço com o filme mudo 'Os óculos do vovô' de 1913, sendo o mais antigo filme de ficção brasileiro ainda preservado; dirigido pelo português Francisco Dias Ferreira dos Santos (1873-1937) o filme foi produzido pela empresa Guarany Fábrica de Fitas Cinematográficas. A oficina também contou com a exibição de trailers e debate sobre 14 filmes nacionais, a conversa sobre esses suscitou outros tantos, conhecidos de alguns e desconhecido de outros, mostrando quão rica é a produção cinematográfica nacional.



Figura 1: Integrante do PET GAPE Mateus Armas, do curso de Cinema, ministrando a oficina 'Desmistificando o Cinema Brasileiro: como é, como funciona e por que é tão difícil ouvir falar dele'. Fonte: Acervo pessoal de Hugo Barreto

O segundo grupo foi o PET FAUrb, que tinha sua oficina agendada para a tarde da quinta-feira (12), no entanto, a previsão meteorológica no dia

anterior previa tempo ruim, o que fez a oficina ser cancelada. Ainda que não tenha sido possível ministrar a oficina, vale aqui uma descrição do que ela teria

sido. Com o nome 'Cidade e Patrimônio: uma leitura de suas múltiplas escalas' a oficina consistiria em uma caminhada cultural por diversos pontos da cidade, onde seriam propostas discussões sobre o valor arquitetônico das edificações, técnicas e conservação, a atividade percorreria a zona de preservação histórica de Pelotas a fim de realizar debates sobre as percepções de patrimônio e espaços da cidade.

O terceiro grupo foi o PET Educação, também na tarde de quinta-feira (12), com a oficina 'Leitura Literária' ministrada pelas petianas Jéssica C. Ribeiro, Estefânia A. Konrad, Paloma E. Wiegand e Angelica dos S. Karsburg; que trouxeram a proposta de apresentação do perfil leitor e uma dinâmica de leitura e produção a partir do tema 'Meio Ambiente'.



Figura 2: Integrante do PET Educação durante a oficina 'Leitura Literária'. Fonte: Acervo pessoal de Hugo Barreto

O quarto grupo foi o PET Artes Visuais, na tarde da sexta-feira (13), com a oficina 'Mini Publicações' ministrada pelos petianos André Gustavo, Gabriela Costa, Laís Possamai e Stela Kubiaki que, a partir de algumas experiências gráficas como carimbos, colagens, monotipias e outras impressões propuseram a confecção de publicações individuais.

O grupo ofereceu a oficina em parceria com o projeto de pesquisa 'Lugares-livros: dimensões materiais e poéticas' e levaram publicações desenvolvidas no grupo como ativadoras de reflexões e disparadora das produções.



Figura 3: Oficina 'Mini Publicações'. Fonte: Acervo pessoal de Hugo Barreto

Ao final do evento colhemos felizes os frutos de semanas de planejamento e trabalho duro, gratos pela receptividade dos demais grupos PET ao nosso convite para participarem da IV Semana Acadêmica da Conservação e Restauração; e cientes que essa integração entre grupos PET fortalece o programa assim como coopera no desenvolvimento das atividades de cada grupo. O contato com os trabalhos de outros PET da universidade possibilita uma visão mais ampla do programa, o que abre novas possibilidades de atuação, parcerias e o aprimoramento de cada grupo. Aguardamos com ansiedade a próxima oportunidade de repetirmos a experiência!

IV SEMANA ACADÊMICA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

A pluridisciplinaridade na conservação e restauração

ANDRÉ ALEXANDRE GASPERI

CAROLINA LETÍCIA NAGATA

A quarta edição da Semana Acadêmica do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (IV-SACR), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), ocorreu entre os dias 09 a 13 de setembro, sob o tema “A pluridisciplinaridade da Conservação e Restauração” que explora a pluralidade dos conhecimentos, equipamentos, métodos, suportes e técnicas presentes nos processos de Conservação-Restauração. Tratar da pluridisciplinaridade na Semana Acadêmica teve como objetivo instigar a busca pela diversidade dos saberes presentes na prática e teoria interdisciplinar da área de Conservação-Restauração. O grupo do Programa de Educação Tutorial de Conservação e Restauo (PET-CR), o curso de Conservação e Restauração da UFPEL e a comunidade acadêmica trouxeram perspectivas plurais acerca da Conservação-Restauração em diferentes atrações, tais como: comunicação de trabalhos, mesas-redondas, oficinas, palestras, relatos de experiência e contando ainda com apresentação musical.

As comunicações são as apresentações referentes à publicação dos resumos expandidos nos anais do evento da Semana Acadêmica, os quais trataram de diversos temas relacionados ao âmbito da preservação. Ao todo, 15 apresentações, foram submetidas ao evento por acadêmicos do curso de Conservação e Restauração, nos seguintes temas: 1. A pluridisciplinaridade na conservação e restauração; 2. Projeto conservação e restauração de papel: teoria, terminologia e práticas; 3. A conservação e acondicionamento de documentos no arquivo da PROGEP, IFSUL – campus pelotas; 4. Arte guerrilha: um panorama das artes plásticas nos anos de chumbo; 5. Ferrovia e memória: uma análise das atuações da associação brasileira de preservação ferroviária; 6. Trabalho de laudo pericial do pintor de Pistóxenos desenvolvido na aula de peritagem; 7. O ateliê do artista na formação de um protocolo, de embalagem, transporte, armazenamento, exposição de obras de arte contemporâneas: estudo de caso palmeira e aquática de 2016, técnica tinta acrílica sobre acrílico da

Artista Plástica Francis Silva; 8. Estudo de caso e exames realizados na obra do Museu da Baronesa denominada Santa Luzia; 9. Restauração de escultura devocional em madeira, intitulada Nossa Senhora da Conceição; 10. Restauo da obra do jornal União Liberal de Filastro Paes, alvejada durante a revolução de 1893, pertencente ao museu Dom Diogo de Souza – Bagé/RS; 11. Reintegração cromática na “menina”, obra de Arlinda Nunes; 12. Conservação e restauração de uma pintura de cavalete, a obra April de Wani Soroku do museu de arte Leopoldo Gotuzzo – MALG; 13. Utilização de goma gelana para restauração de papéis; 14. Restauração de reprodução em nanquim sobre papel: Honorata, A Noiva do Corsário Negro; 15. Análise e caracterização da escultura portuguesa policromada sobre madeira do século XIX. Os trabalhos desenvolvidos e apresentados possibilitaram contemplar as diferentes realidades presentes no campo da conservação e restauração.

Quanto às mesas-redondas, as propostas de tema foram diversificadas, dentre elas: I. “A Pluralidade dos Suportes”, com as convidadas Gabriela Oliveira Campos que abordou sobre “Os Polímeros, sua

Degradação e outras Particularidades” e a Ana Paula da Silva Pinho ao trazer as suas experiências com “Vitrais”; 2. “Museus da UFPEL e a Relação com o curso de Conservação e Restauração”, onde abordou aspectos históricos e museológicos que regem as instituições ligadas a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, que compõe a Rede de Museus da UFPEL, tratadas pelos convidados: Dr. Roberto Heiden, Diretor do Museu do Doce e Dr. João Ricardo Vieira Iganci, Diretor do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter; 3. “Integração com o Programa de Pós-graduação Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMSPC)”, com as convidadas: a Coordenadora Dr^a. Juliane Conceição Primon Serres e doutorandas egressas do curso de Conservação e Restauração, Isabel Halfen da Costa Torino, Juliana Cavalheiro Rodrighiero e Micheli Martins Afonso, que apresentaram e contaram suas experiências no programa, tirando dúvidas e aproximando essas vivências aos graduandos. As mesas-redondas possibilitaram diálogos interdisciplinares quanto à preservação de diferentes suportes, considerando a especificidade de cada material para tratamentos diretos e como as instituições coordenam suas atividades, o processo de salvaguarda e memória do patrimônio em torno de cada suporte. O Museu do Doce trata do Patrimônio Imaterial de Pelotas, o Doce e seu processo de confecção, contemplando utensílios domésticos, o comércio, as pessoas e a história pelotense. Já o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, trata de um acervo composto principalmente por peças de taxidermia que abordam a evolução dos animais, bem como sua relação com o bioma pampa. Entender a diversidade dos materiais e como eles interagem com a comunidade é essencial para compreender o papel do Conservador-Restaurador que atua nessa relação objeto-indivíduo, como mediador, responsável por comunicar e transmitir o patrimônio em sua extensão imaterial e material. Por ser uma área recente e ainda imatura no Brasil quando consideramos oferta no mercado de trabalho e publicações acadêmicas, as



Figura 1 – Banner de divulgação da IV Semana Acadêmica.
Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

expectativas de carreira nem sempre são positivas, nesse sentido, a organização da mesa-redonda com a participação da Coordenadora e as doutorandas do PPGMSPC foi pensada nos acadêmicos que procuram opções de atuação após a graduação. Sintetizando, o objetivo principal dessa programação foi integrar no campo plural as distintas abordagens a respeito da Conservação-Restauração sob a ótica da preservação, desde diálogos interdisciplinares, campos de atuação e formação continuada.

O campo plural da Conservação-Restauração também foi explorado nas oficinas, tais elas: 1. “Reintegração Pictórica”, ministradas pela Prof^a. Dr^a. Andréa Lacerda Bachettini, trazendo exercícios teóricos e práticos para introdução dos conhecimentos sobre cores, misturas, materiais e técnicas para preenchimento de lacunas; 2. “Higienização e Acondicionamento de Obras Raras”, com a petiana Milene Sequeira Araújo, que compartilhou seu saberes e vivências no Museu dos Capuchinhos (MUSCAP), em Caxias do Sul/RS, com procedimentos necessários para realizar acondicionamentos de livros raros; 3. “Introdução a Conservação e Restauração de Bens Culturais em Cerâmicas”, ministrada por Prof^a. Dr^a. Keli Cristina Scolari, que apresentou a diversidade dos processos de fabricação, peças, tipos de danos e as distintas técnicas para preservação desses bens. As oficinas tiveram como objetivo apresentar a diversidade e amplitude das linhas de pesquisa e atuação do Conservador-Restaurador. Houve também a integração dos grupos PET que aplicaram oficinas, para aproximar e consolidar acadêmicos enquanto grupo PET-UFPEL, além de apresentar um pouco dos trabalhos desenvolvidos em cada grupo, tais como: 1. PET-GAPE (Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular), trouxe como tema “Desmistificando o Cinema Brasileiro: como é? como funciona? E por que é tão difícil ouvir falar dele?”; 2. PET Educação, com “Leitura Literária”, instigando a

produção de fanzine; 3. PET Artes Visuais, com “Mini Publicações”, trabalhando com recorte e colagem.

A Semana Acadêmica ainda contou com palestras e um relato de experiência, tais elas: 1. “Arquivos Administrativos: Como Conservar e Restaurar?”, ministrada pela arquivista Angélica Corvello Schwalbe, do IFSUL, campus Pelotas/RS, que trouxe concepções legais, experiências e vivências no âmbito da arquivologia; 2. “A importância do NAI para as unidades acadêmicas da UFPEL”, sendo este o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), inaugurado no dia 15 de agosto de 2008, junto ao projeto “Incluir” do Ministério da Educação, que tem como proposta promover políticas e ações que efetivem a inclusão de acadêmicos no Ensino Superior, abordando temas conceituais, políticas e práticas para acesso ao cotidiano da universidade e para finalizar a programação, 3. “As Múltiplas Possibilidades da Área de Conservação: Narrativa de Uma Experiência Além Mar”, com a convidada Prof^a. Dr^a. Karen Velleda Calda, que trouxe sua experiência no Doutorado sanduíche e sua viagem à Sevilha, na Espanha, que pôde inspirar e esclarecer dúvidas sobre formação continuada dos graduandos.

O evento também contou com a presença inusitada dos patrocinadores ‘La Naranja Mecânica’ e ‘Padaria Bom Preço’ que tornaram os coffee breaks saborosos e contribuíram para a experiência de confraternização entre os alunos, palestrantes e convidados. Além disso, a Semana Acadêmica foi agraciada por apresentações musicais como o flautista Matheus Amaral e o Clube do Choro de Pelotas, que foi criado em 2015 em homenagem a Avendano Júnior, desde então o grupo promove encontros que objetivam valorizar a prática de músicos locais, a produção de conhecimento técnico, artístico e científico sobre o choro como gênero e identidade regional que valorizam o fazer musical e a interação social.

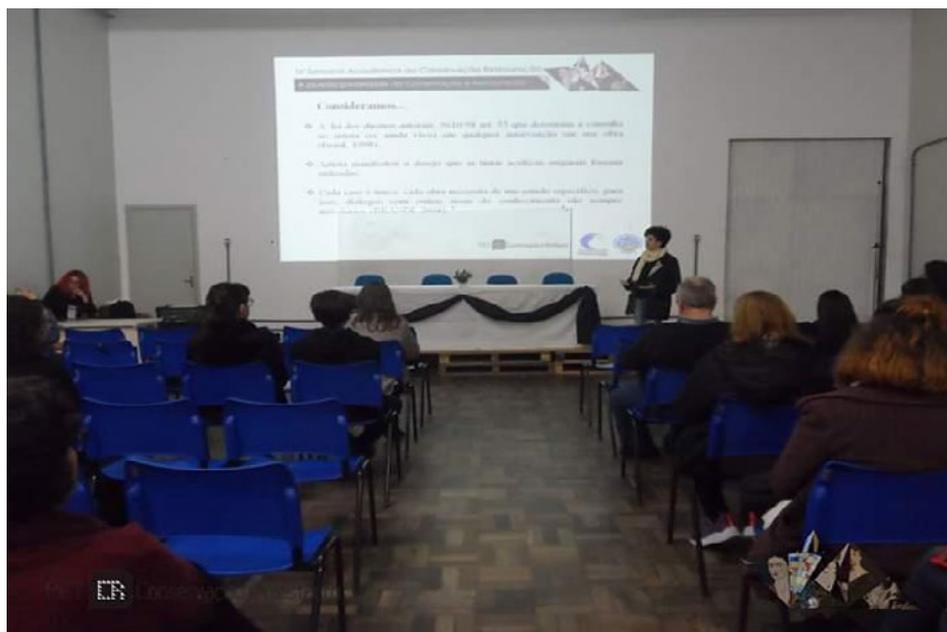
A IV Semana Acadêmica foi um começo para integrar os cursos, a comunidade acadêmica e a comunidade local. No contexto político e histórico atual é importante a união e compartilhamento de experiências, forças e empatia. Sempre no intuito de aprimorar a organização e a programação para atender as demandas dos alunos do curso de Conservação e Restauração, este ano também foi organizado um feedback para levantamento da opinião dos alunos sobre a organização, programação e a divulgação do evento, já que infelizmente não tivemos boa adesão dos alunos na participação das atividades. O feedback consistiu num questionário de 15 perguntas e um espaço para comentários, sugestões ou críticas. Num primeiro momento, tenta-se conhecer o perfil do estudante, depois perguntamos sobre a divulgação do evento, pagamento para inscrição e sobre uma organização democrática e para finalizar, sobre os produtos da Semana Acadêmica que somam muito no currículo e na formação dos graduandos.

Ao todo, temos 115 alunos matriculados no curso e tivemos 55 inscritos na IV Semana Acadêmica, com a média de 40 ouvintes nas atividades noturnas e 10 participantes nas oficinas, e somamos 45 questionários respondidos. Observamos que quase metade dos inscritos são do segundo semestre do curso, logo, temos uma grande dispersão dos semestres seguintes. Sobre a divulgação, tivemos 43 respostas positivas e apenas 2 negativas, mas quando perguntamos se o aluno acompanha o site do curso, o site do PET-CR, página do Facebook do PET-CR e o site da Semana Acadêmica, as respostas também foram negativas. Notamos que mesmo sem acompanhar todas as redes do PET-CR e do curso, a divulgação foi suficiente apenas com as publicações realizadas através da página do PET-CR do Facebook, mas observamos uma demanda por divulgação das atividades em sala de aula. Quando perguntamos se teria mais adesão se a organização do evento fosse mais democrática, observamos que IV Semana Acadêmica foi deficiente nesse aspecto, tentou-se

englobar os diversos aspectos técnicos, teóricos e do futuro da Conservação-Restauração, além de reforçar a união de uma comunidade acadêmica, mas não consultamos aqueles para quem todo o evento se direciona, os acadêmicos. Nesse sentido, o PET-CR irá disponibilizar uma caixa de sugestões para a V Semana Acadêmica e pedimos a participação de todos! Reforçamos também a necessidade de mobilização e consolidação do Centro Acadêmico da Conservação-Restauração, para desenvolver o evento como a Semana Acadêmica e as atividades em geral. Ainda sobre o feedback, nota-se um consenso geral sobre as horas extracurriculares e a publicação de anais da Semana Acadêmica.

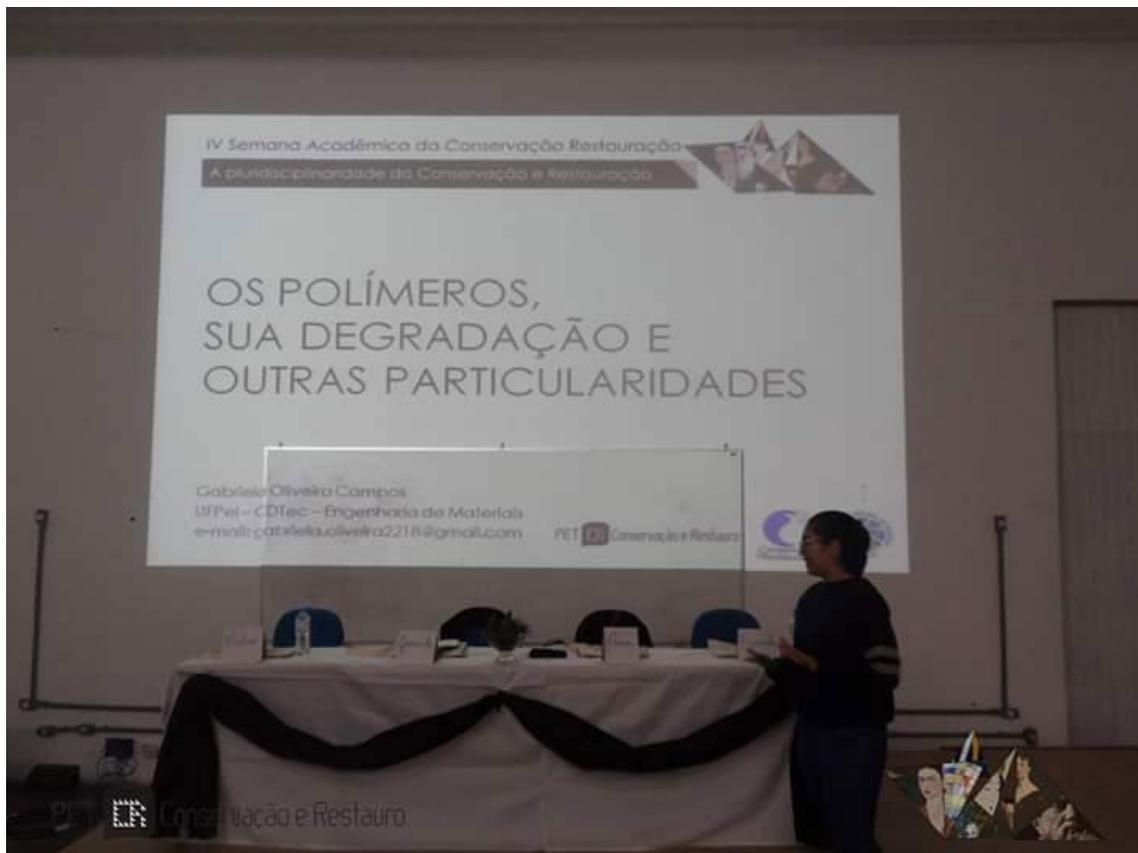
Quanto aos comentários, sugestões e críticas, recebemos pedidos de oficinas no período noturno e vamos trabalhar para atender na próxima edição do evento. Sobre a oficina, os acadêmicos ficaram interessados, com número significativo de inscritos, porém, houve pouca presença. Vale salientar, que o grupo PET-CR não usou vagas em oficinas, como foi acusado. Visto que, na realidade contou com a presença de 2 ou 3 integrantes do grupo PET-CR, devidamente inscritos em oficinas para 15 pessoas. Tivemos comentários sobre a falta de simpatia e antecedência da divulgação das atividades para que os alunos possam se planejar, como dito antes, isso se refere sobre a consulta dos alunos para a criação de programação do evento. Conscientes dessas demandas, o grupo PET-CR se compromete em aprimorar as próximas edições para maior aproveitamento do evento pelos acadêmicos, mas reforçamos a necessidade da formação do CA da Conservação e Restauração, além da iniciativa dos alunos para participarem na organização e contribuir com sugestões na caixa da V Semana Acadêmica da Conservação e Restauração. As portas do PET-CR, sempre estão abertas e já estamos ansiosos para a próxima edição!

Figura 2 – Comunicação dos trabalhos.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 3 – Apresentação sobre polímeros .



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica.

Figura 4 – Apresentação sobre vitrais.



Fonte: Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 5 – Museus de Ciências Naturais Carlos Ritter por João Iganci.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 6 – Museu do Doce por Roberto Heiden



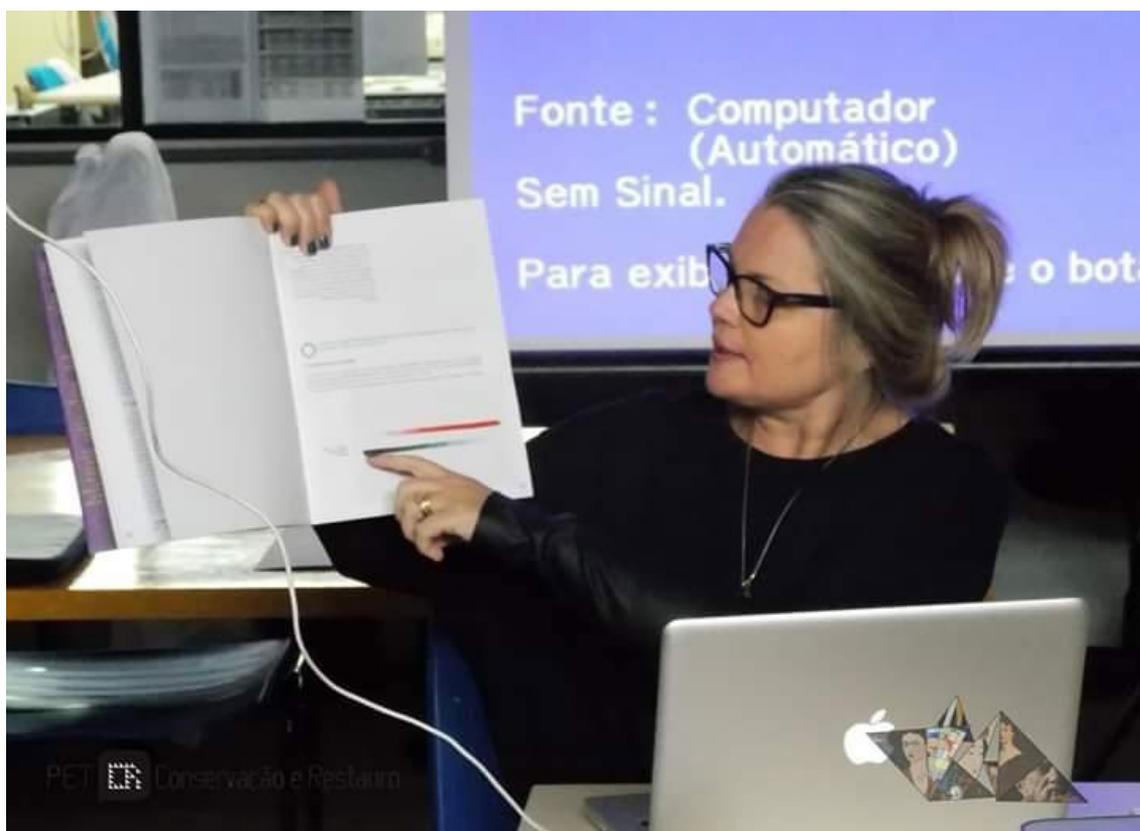
Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 7 – Apresentação do PPGMSPC.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 8 - Oficina de Reintegração Pictórica.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica.

Figura 9 – Oficina de Reintegração Pictórica.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 10 – Oficina de Reintegração Pictórica.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 11 – Oficina de com PET-GAPE.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 12 – Oficina com PET Educação.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 13 – Oficina de Higienização e Acondicionamento de Obras Raras.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 14 – Oficina Introdução à Conservação e Restauração de Bens Culturais em Cerâmicas.



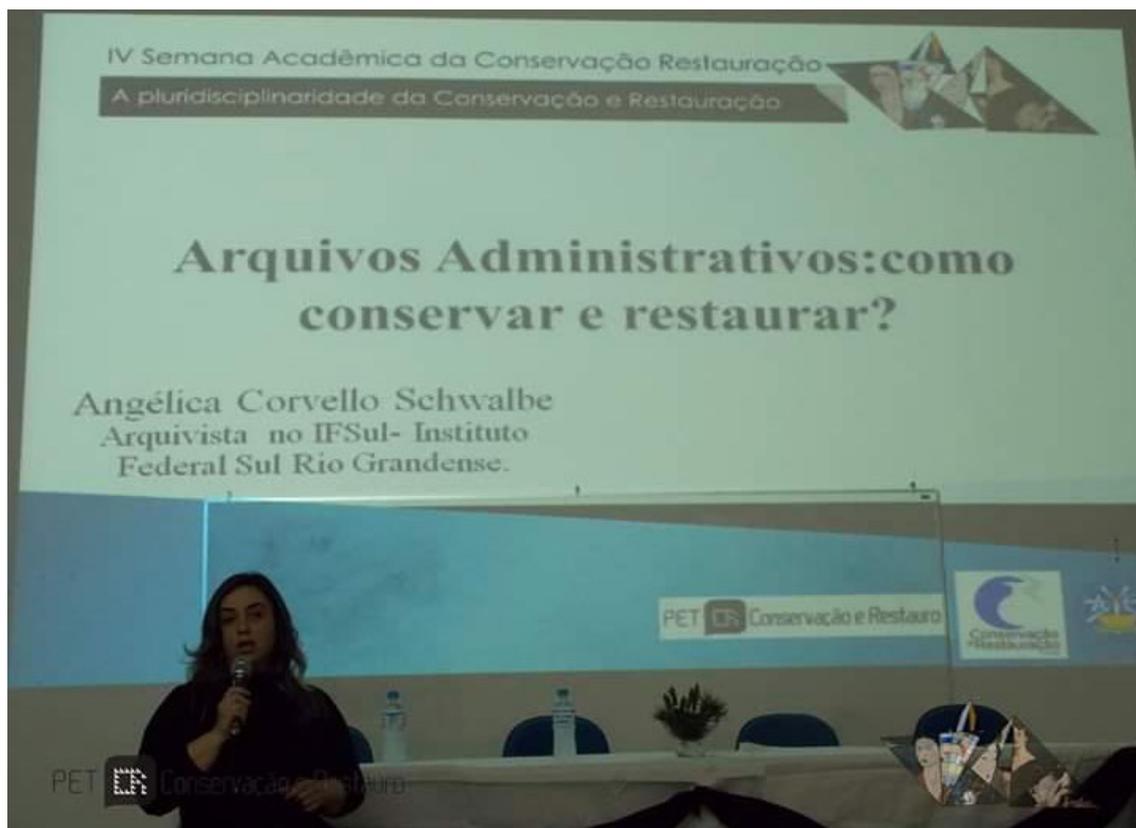
Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 15 – Oficina com PET Artes Visuais.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica.

Figura 16 – Palestra com a arquivista Angélica Corvello Schwalbe.



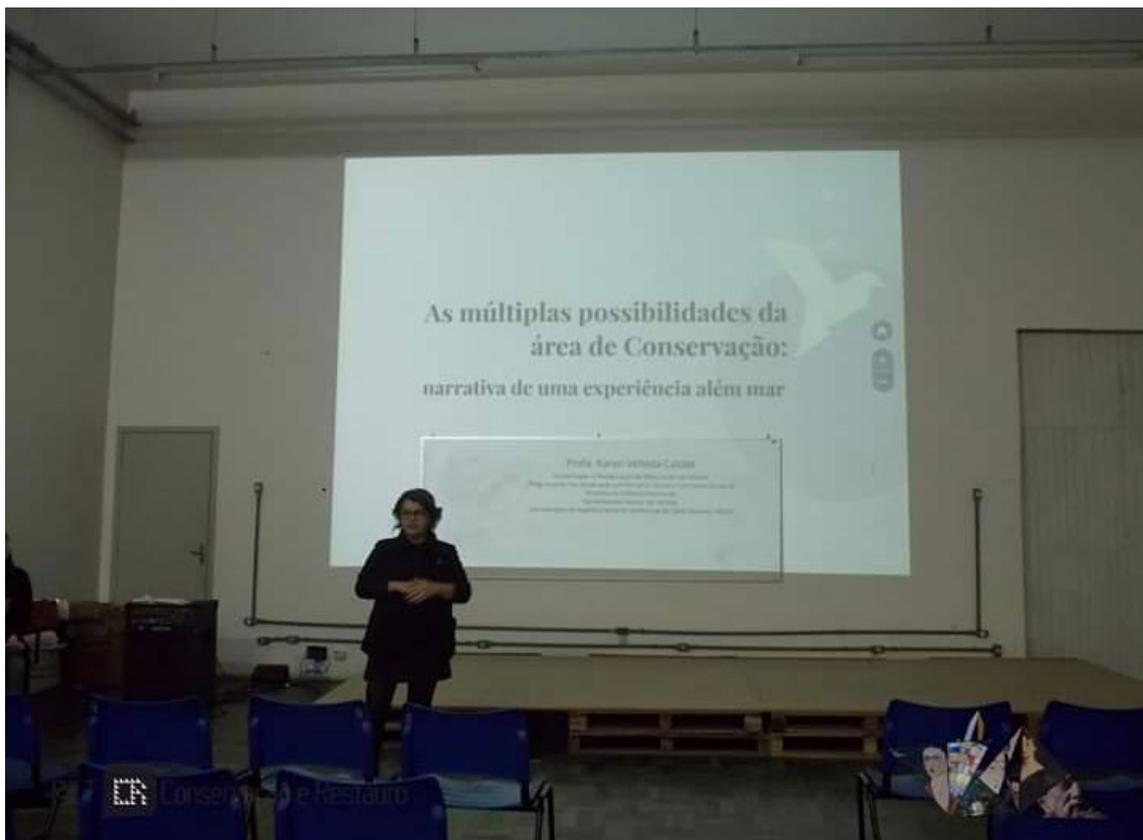
Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 17 – Palestra com o NAI.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 18 – As múltiplas possibilidades da área de conservação.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 19 – Foto com patrocinador La Naranja Mecânica.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica

Figura 20 – Clube de Choro de Pelotas.



Fonte: Organização da IV Semana Acadêmica.

ETAPAS FINAIS DO PROCESSO DE RESTAURAÇÃO NA ESCULTURA ÍNDIO PERI DO TEATRO GUARANY

CÍCERO THIAGO DE OLIVEIRA BALTAZAR



Disponível em: pelotasonline.blogspot.com – Acesso em outubro de 2019

O curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis ICH – UFPEL, iniciou em 2017 o projeto de restauração da escultura em argamassa de cimento, índio Peri, que é parte central do frontão do Teatro Guarany, exatamente noventa e seis anos após sua instalação, que ocorreu em 1921, ano da inauguração do teatro. Inicialmente o projeto foi parte do programa de estágio

obrigatório do curso, logo depois tornando-se um projeto de extensão que inspirou o TCC da graduanda Lindsay Rocha Taveira. No segundo semestre de 2019 o projeto é reaberto para toda a comunidade do curso de Conservação e Restauração, sob a orientação da Prof. Dra. Daniele Baltz da Fonseca, todas às terças-feiras às 9hs da manhã no terraço do Teatro Guarany.



Foto: Cicero Baltazar

A obra possui 0,37m x 0,62m x 1,91m (comprimento x largura x altura), e foi retirada de seu local original embalada em gelatina e bandagens, pois corria risco de cair em razão das grandes rachaduras que possuía na sua perna esquerda e em três penas do saiote, mesmo assim tal era a sua fragilidade que durante a sua remoção o antebraço direito, que já era uma intervenção anterior, as penas do cocar e da saia quebraram-se, e a lança entortou.



Fonte: Lindsay Rocha Taveira, 2017



Fonte: Lindsay Rocha Taveira, 2017

A higienização foi realizada em toda a obra com trinchas e pincéis macios e secos, retirando as sujidades superficiais. Em seguida realizou-se a limpeza mecânica com água morna e escovas de cerdas plásticas, finalizou-se a limpeza com a raspagem das vegetações e musgos presentes nas fissuras com instrumentos odontológicos.

Um fato curioso é que, segundo informações, durante sua colocação em 30 de abril de 1921, o rosto se quebrou, permanecendo assim até os dias atuais e deixando à mostra parte da armação de ferro

que constitui seu interior, sujeita a oxidações que expandem o ferro e por consequência provocam lesões na argamassa. O grupo optou por não reintegrar a face da escultura, para não gerar falso histórico, já que não existe nenhum registro fotográfico da face em estado integral e visto que, sob o ponto de vista da escala da rua, de onde é observado, o rosto do índio é esteticamente irrelevante. Então, tratou-se a oxidação das ferragens expostas e vedou-se com argamassa de cimento, semelhante à original, levando-se em conta a prática da mínima intervenção.



Foto: Cicero Baltazar

A escolha dos materiais semelhantes levou em conta o fato de que a obra retornará para o seu local de origem ficando exposta às intempéries. Assim, se garante que os materiais utilizados tenham índices de absorção de água e dilatação semelhantes ao do material original contribuindo com a durabilidade da restauração exposta à chuva e ao sol.

As reintegrações foram feitas utilizando argamassa de cimento e areia escaiola no traço 1:4. Havia macro e microfissuras por toda a escultura, atribuídos em geral à dilatação da superfície da escultura e do ferro devido à oxidação.



Fonte: Lindsay Rocha Taveira, 2017

Para a reintegração do cocar, utilizaram-se as penas que estavam íntegras. Foram realizados vários testes para a confecção de moldes e então vários outros testes com diferentes proporções de argamassa + areia escaiola para que as penas ficassem o mais próximo possível das originais. Concluiu-se que uma argamassa de cimento e areia na proporção de 1:4 era a ideal e neste caso a utilização de arame de aço galvanizado ajudaria a fixar o objeto no local, evitando futuras oxidações. Em seguida a obra foi selada com a técnica de esponjado. Aplicou-se uma finíssima camada de argamassa de cimento e areia escaiola no traço 1:4, bem líquida, com a ajuda de esponjas, de modo que fossem preenchidos todos os poros e microfissuras.



Fonte: Lindsay Rocha Taveira, 2017

A última etapa, que está ocorrendo no segundo semestre de 2019, consiste na fixação das penas do cocar, da mão direita, colocação do arco e da aljava e reparo de microfissuras. Então, com a ajuda de um guindaste, a escultura índio Peri será devolvida ao local onde foi criada para estar.

Através de projetos como este a Universidade Federal de Pelotas contribui com a solução de problemas relacionados ao patrimônio cultural dessa cidade ao mesmo tempo em que oportuniza aos seus alunos uma formação ampla e embasada nas necessidades da sociedade.



Foto: Daniele Baltz Fonseca

PET CR

Almirante Barroso 1202, sala 310
Campus II – ICH • Pelotas/RS CEP 96.010-280

DIGITAL

<https://wp.ufpel.edu.br/crbensmoveis>
<https://conservacaoerestauo.wixsite.com/pet-cr>
<https://facebook.com/petconservacaoestauroufpel>

CONTATO

petconservacaoestauo@gmail.com



